

ARTE E CULTURA:



Produção, Difusão e Reapropriação

2

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

ARTE E CULTURA:

Produção, Difusão e Reapropriação

2

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Elói Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenología & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvío Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Arte e cultura: produção, difusão e reapropriação 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A786 Arte e cultura: produção, difusão e reapropriação 2 /
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. - Ponta Grossa -
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-154-8

DOI 10.22533/at.ed.548211006

1. Arte. 2. Cultura. I. Ferreira, Ezequiel Martins
(Organizador). II. Título.

CDD 306.47

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

As relações entre o conhecimento artístico ou estético e o conhecimento científico sempre existiram, do ponto de vista das produções simbólicas do homem. Já haviam, antes da criação de um método científico, surgido de uma visão racionalista e empirista, os modos de conhecimento se pautavam em explicações que acalentavam as inquietações humanas, a exemplo temos o conhecimento mítico, o filosófico e o artístico.

O mítico, que beira o religioso se baseava principalmente em explicações exteriores e anteriores à construção do homem, mas se baseando nos aspectos mais intrigantes do imaginário humano e se perfazendo em torno da construção própria do destino.

O filosófico partia, em parte da observação e do questionamento sempre presente sobre as atitudes e emoções humanas. E, por fim, o artístico, sendo influenciado por ambos os anteriores, representava numa espécie de mimese o que era colhido nas entranhas humanas.

Nesse aspecto, o vínculo entre os três modos de conhecer era responsável pela evolução de cada um, onde o constante diálogo e interação entre eles inspiravam constantemente um ao outro.

Surge então, pelas guinadas da lógica e na evolução do racionalismo, o estabelecimento do método científico pautado na experimentação e delimitação precisa dos caminhos para a aquisição do conhecimento.

Onde havia um espaço aberto à colaboração, se restringe às premissas de um seleto grupo que por algum tempo definem o que pode ser considerado científico ou não.

No entanto, essas barreiras entre o científico e o artístico estão novamente mescladas e as discussões sobre o fazer científico num viés artístico se encontram cada vez mais presentes na atualidade.

Pensando nisso, a coletânea *Arte e Cultura: Produção, Difusão e Reapropriação*, em seu segundo volume, reúne vinte artigos que abordam algumas pesquisas envolvendo a interseção entre arte e cultura.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA DA ARTE NA ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES	
Flora Pereira Flor	
DOI 10.22533/at.ed.5482110061	
CAPÍTULO 2	12
<i>SERMÕES EM PALIMPSESTOS</i> , PARA FLAUTA E SONS ELETRÔNICOS: ASPECTOS COMPOSICIONAIS, ACÚSTICOS E PERFORMÁTICOS	
Rodrigo Manoel Frade	
Felipe Mendes de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.5482110062	
CAPÍTULO 3	23
HÁ QUE SE LER A POÉTICA PARA SE ENTENDER A POLÍTICA	
Dinah de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.5482110063	
CAPÍTULO 4	36
SISTEMA DE GESTÃO PARA PROJETOS INTEGRADORES	
Cleuza Bittencourt Ribas Fornasier	
Seila Cibele Sitta Preto	
DOI 10.22533/at.ed.5482110064	
CAPÍTULO 5	48
O PAPEL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM MÚSICA NA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL	
Beatriz Paulino Pereira	
Vania Malagutti	
DOI 10.22533/at.ed.5482110065	
CAPÍTULO 6	59
MÚSICA, VOLUNTARIADO E INTERGERACIONALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Estela Kohlrausch	
Johannes Doll	
DOI 10.22533/at.ed.5482110066	
CAPÍTULO 7	70
FERRAMENTAS PARA LER, COMPREENDER E INTERPRETAR O <i>CALENDÁRIO DO SOM</i> DE HERMETO PASCOAL	
Ewerton Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.5482110067	

CAPÍTULO 8	81
ARTE PARTICIPATIVA E PROPOSIÇÕES SISTÊMICAS: PESQUISAS E EXPERIMENTAÇÕES ACADÊMICAS Adriana Gomes de Oliveira Helena Martins de Lacerda Laura Campos Daibert DOI 10.22533/at.ed.5482110068	
CAPÍTULO 9	102
AS DESENHAÇÕES COMO POTÊNCIA METODOLÓGICA NA PRÁTICA DOCENTE: EXPANDINDO OS LIMITES TERRITORIAIS DO QUINTAL Taliane Graff Tomita DOI 10.22533/at.ed.5482110069	
CAPÍTULO 10	116
DIVERSIDADE NA ESCOLA: OS DESAFIOS DO ENSINO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA Ana Beatriz Barreira Leite DOI 10.22533/at.ed.54821100610	
CAPÍTULO 11	130
METODOLOGIA INTEGRATIVA CRIATIVA EM ARTE Ana Amélia de Araújo Maciel DOI 10.22533/at.ed.54821100611	
CAPÍTULO 12	139
AS ESTRATÉGIAS DA EDUCAÇÃO MUSICAL PARA A PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO PONTO DE CULTURA JOVENS PESQUISADORES Dálete Lima de Souza Érika de Andrade Silva DOI 10.22533/at.ed.54821100612	
CAPÍTULO 13	151
O ENSINO DA MÚSICA E SEUS DIFERENTES CONTEXTOS EM PORTUGAL João Guimarães Ribeiro Antônio José Pacheco Ribeiro DOI 10.22533/at.ed.54821100613	
CAPÍTULO 14	165
O ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA TERCEIRA IDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM RELEITURAS DA MONA LISA Rosali Henriques DOI 10.22533/at.ed.54821100614	
CAPÍTULO 15	178
O ENSINO DE REGÊNCIA EM UM CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA POPULAR:	

PENSANDO OS DISCURSOS Armando de Araujo Ferreira DOI 10.22533/at.ed.54821100615	
CAPÍTULO 16	189
PROJETO SOCIAL E ENSINO DE MÚSICA: OLHAR DOS ALUNOS E DO PROFESSOR EM UMA PESQUISA EXPLORATÓRIA Livia Figueiredo de Alencar e Silva DOI 10.22533/at.ed.54821100616	
CAPÍTULO 17	197
A EDUCAÇÃO MUSICAL EM UMA ESCOLA RURAL: UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA (TRANS)FORMADORA Igor Viana Monteiro DOI 10.22533/at.ed.54821100617	
CAPÍTULO 18	207
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO MUSICAL E ARTES: DESENVOLVIMENTO DAS DIMENSÕES DA MUSICALIDADE NAS AULAS DE ARTE EM CAUCAIA/CE NO INÍCIO DO DISTANCIAMENTO SOCIAL ATRAVÉS DO YOUTUBE Daniel do Nascimento Sombra Israel Kleber de Oliveira Teó ilo DOI 10.22533/at.ed.54821100618	
CAPÍTULO 19	219
A LEGISLAÇÃO E O ENSINO DE MÚSICA Jayza Monteiro Almeida DOI 10.22533/at.ed.54821100619	
CAPÍTULO 20	231
APRENDIZAGEM DA DOCÊNCIA ATRAVÉS DE ESTÁGIO EM PROJETO SOCIAL Yndira Gabriela Fleitas Villarroel Rita de Cássia Domingues dos Santos DOI 10.22533/at.ed.54821100620	
SOBRE O ORGANIZADOR	243
ÍNDICE REMISSIVO	244

CAPÍTULO 1

REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA DA ARTE NA ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES

Data de aceite: 01/06/2021

Data de submissão: 06/05/2021

Flora Pereira Flor

Doutoranda em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – PPGAV / EBA / UFRJ, bolsista CAPES
Rio de Janeiro – RJ
<http://lattes.cnpq.br/5500141342816215>
<https://orcid.org/0000-0002-4951-4243>

RESUMO: Neste artigo investigaremos a História da Arte no contexto do ensino acadêmico de arte na Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, abrangendo o período entre 1816 à 1890. A data inicial corresponde ao ano de apresentação à D. João VI do projeto de instituição artística elaborado por LeBreton. Por sua vez, o corte final corresponde ao último ano de atuação do artista e professor Pedro Américo de Figueiredo Mello na cadeira de História da Arte na Academia Imperial de Belas Artes. Dentro do recorte temporal estabelecido, investigaremos o projeto de LeBreton, os Estatutos da instituição e documentos avulsos que nos permitam refletir sobre o lugar da História da Arte na formação acadêmica do Artista na Academia Imperial de Belas Artes.

PALAVRAS-CHAVE: História da Arte; Ensino Artístico; Academia Imperial de Belas Artes.

THOUGHTS ON THE HISTORY OF ART IN THE IMPERIAL ACADEMY OF FINE ARTS

ABSTRACT: This article will investigate the History of Art in the context of academic teaching of art in the Imperial Academy of Fine Arts of Rio de Janeiro, covering the period from 1816 to 1890. The start date corresponds to the year D. João VI was introduced to the artistic institution project prepared by LeBreton. The last part corresponds to the last year of work of the artist and professor Pedro Américo de Figueiredo Mello as the subject of History of Art in the Imperial Academy of Fine Arts. Within the time covered, LeBreton's project, the Bylaws of the institution, and standalone documents will be investigated to think about the place of History of Art in the academic training of the Artist in the Imperial Academy of Fine Arts.

KEYWORDS: History of Art, Artistic Teaching, Imperial Academy of Fine Arts.

Qual era o lugar da História da Arte no ensino artístico da Academia Imperial de Belas Artes?

Havia desde a fundação da instituição a previsão de aulas de História da Arte no currículo de formação dos artistas? Ou os alunos tinham contato com este tipo de conteúdo de forma indireta, a partir do próprio método de formação do artista? nas entrelinhas do método de ensino, dos estatutos, discursos e documentos oficiais da academia ou concentrada em uma disciplina e em publicações utilizadas em sala de aula?

Neste artigo propomos refletir sobre estas

questões a partir dos projetos, Estatutos e de documentos avulsos¹ da Academia Imperial de Belas Artes. Nosso objetivo é compreender as formas pela qual o que compreendemos hoje como História da Arte estava presente no contexto do ensino artístico da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA).

A história da organização do ensino formal das artes no Rio de Janeiro tem início com a “Missão Artística Francesa”, mais especificamente, com o projeto de LeBreton apresentado ao Rei D. João VI em 12 de junho de 1816. Nele, LeBreton ressalta que a formação deve iniciar-se pelo desenho e através da cópia, tanto no curso de Pintura, de Escultura, de Gravura como no de Arquitetura. Em todos os casos, os modelos serão aqueles da antiguidade clássica e os modernos vinculados a esta tradição. Podemos constatar essa sistemática, por exemplo, no trecho em que o autor aborda a questão dos modelos em gesso que deveriam ser adquiridos para dar suporte a este sistema de ensino:

Com relação aos diversos graus do ensino do desenho, falei dos modelos em gesso, moldados do antigo; é necessário voltar aos mesmos e completar o ponto dos modelos em geral, tirados das belas obras de arte. [...] Este gênero de modelos é indispensável [...] e esses modelos serviriam não somente para a escola de belas artes, mas, em parte, para a de artes e ofícios. (grifo nosso) (BARATA, 1959, p. 298)².

Se a formação de uma coleção de moldagens, através da aquisição dos modelos diversos citados acima, servia para embasar o ensino do desenho nas diferentes formações de Belas Artes e de Ofícios³, a cadeira de pintura necessitava ainda que se formasse um tipo específico de coleção, fundamental para a última etapa da formação do pintor, baseado no sistema de aprendizado através de cópias. LeBreton salienta que:

É igualmente necessário possuir modelos para pintura, pois cada pintor estudou os grandes modelos de sua arte e se esforçou para deles apanhar alguma coisa; mas nenhum pintor que ensina pode substituir-se às obras dos grandes mestres. Pelo contrário, os professores de alguma maneira, delas têm tanta necessidade quanto os alunos, para demonstrar os princípios e a fim de se sustentarem a si próprios; sem isto, nem o mais hábil impediria um estabelecimento de ensino de cair numa maneira qualquer que tornaria um vício geral da escola, caso os alunos só tivessem diante dos olhos os seus quadros.

Há mais. O mestre tem talvez tanta necessidade quanto os alunos de ligar-se, êle próprio, aos modelos que o inspiram, o retificam, o impedem de desviar-se; aliás, terminada a aprendizagem, resta ainda ao jovem pintor a tarefa de dar ao seu talento um caráter, uma fisionomia. E como o faria, se conhecesse somente os quadros de seu mestre e aqueles que o acaso lhe oferecesse aqui, em número demasiado pequeno, e talvez ainda não fossem suficientemente clássicos?

1 Agradeço especialmente à Jancilene Alves Brejo, arquivologista do Arquivo Histórico da Escola de Belas Artes / UFRJ, pela disponibilidade e suporte à pesquisa realizada presencialmente no arquivo em fevereiro de 2020.

2 Mário Barata transcreveu o projeto de LeBreton e publicou na revista do SPHAN no ano de 1959.

3 O projeto de LeBreton previa a criação de duas escolas: uma de Belas Artes para formar os artistas, com ensino pago. Outra escola de desenho para as artes e ofícios, de ensino gratuito para formar os artífices.

É portanto necessário reunir quadros de diversas escolas, telas que possam servir às lições práticas, como demonstração ao mesmo tempo em que guiem e mesmo inspirem os professores. (grifo nosso) (BARATA, 1959, p. 298).

Através da passagem acima citada, percebemos que os modelos não servem apenas para o exercício didático da cópia que ao mesmo tempo treina a mão e molda o olhar, constituindo uma “biblioteca visual”, um banco imagético de modelos vinculados à tradição artística europeia, ao cânone clássico apropriado e ressignificado por cada um dos nominados “grandes mestres”. Tais modelos servem, também, para que os mestres não se desviem, ao longo do tempo, dos referidos cânones e para que os jovens pintores tenham a possibilidade de se aprimorarem estudando estas obras clássicas e não somente aquelas produzidas em solo nacional, que poderiam não estar suficientemente próximas ou adequadas aos cânones. Por isso, era necessário reunir uma pinacoteca capaz de apresentar exemplos precisos das diferentes escolas artísticas europeias.

A partir dos dados acima expostos, podemos afirmar que os conteúdos relacionados à História da Arte, ao entendimento das manifestações artísticas ao longo da história, das obras emblemáticas, dos principais artistas, dos conceitos teóricos como belo, clássico, moderno, tradição, estavam dispersos ao longo da formação artística. Esta História da Arte difusa se apoiava nas estampas didáticas, nos moldes e moldagens de gesso, nas esculturas e nas pinturas selecionadas para constituir o acervo didático da instituição; que embasavam todo o processo de formação do artista no contexto acadêmico. Através destas obras se formava o olhar, se dialogava com a tradição artística europeia e se refletia sobre os conceitos supracitados.

Dois meses após o projeto de LeBreton, em 12 de agosto de 1816, o então príncipe regente D. João VI instituiu por decreto a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios. Entretanto, como já foi apontado por diversos pesquisadores, a abertura e funcionamento regular da instituição não ocorreu de imediato, não apenas pela falta de edificação para sua acomodação, como também por empecilhos políticos enfrentados na corte carioca como a rivalidade com os artistas portugueses (PEREIRA, 2008, p. 383), assim como acontecimentos políticos mais amplos como as revoluções em solo brasileiro e o próprio processo de independência (WANDERLEY, 2011). Em 1820, ainda sem funcionamento, um segundo decreto foi promulgado em 12 de outubro, oficializando a criação da instituição, agora sob a denominação “Real Academia de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil”. Também data deste ano o primeiro Estatuto da referida instituição de ensino.

Os Estatutos de 1820 versam sobre diversas questões acerca da instituição como por exemplo as disciplinas ofertadas nos diferentes cursos de formação; o estudo do Modelo Vivo; o estabelecimento de concursos por disciplinas e respectivas premiações no final de cada ano letivo; bem como a previsão de estabelecimento de pensão para complementar a formação na Europa pelo período de cinco anos para os alunos concluintes mais destacados. Este documento versa ainda sobre diversos outros assuntos; contudo,

não aborda a questão da formação de coleções para o suporte didático, quer seja de moldagens, pinturas, estampas ou publicações impressas. Tampouco prevê uma disciplina dedicada ao ensino da História da Arte, conteúdo teórico que também não está explicitado nas diversas disciplinas dos cursos. Entretanto, dentro do conteúdo de Arquitetura Civil, está previsto o ensino cronológico “da mudança de gostos ou estilos, que tem experimentado a architecture desde a sua mais antiga origem, até o seu estado florescente” (CIPINIUK, s/d). Neste contexto, podemos afirmar que enquanto o ensino da História da Arquitetura esteve presente neste regimento da instituição, o ensino da História da Arte estava ausente não só enquanto cadeira, como também dos conteúdos referidos nos Estatutos para os cursos de pintura, escultura e gravura.

Retomando a cronologia da documentação relacionada à constituição da Academia, devemos citar o Projeto do Plano para a Imperial Academia das Belas Artes do Rio de Janeiro, elaborado pelos professores da Academia no ano de 1824, a pedido do Ministro do Império João Severiano Maciel da Costa. Este projeto versa sobre os cursos e as respectivas disciplinas a serem ofertadas pela instituição; sobre a infraestrutura adequada para disciplina de Modelo-vivo; dentre outros. Porém, o projeto não menciona uma disciplina dedicada à História da Arte e também não o faz dentro dos conteúdos dos cursos. Mais uma vez, é apenas no curso de arquitetura que encontramos, dentro dos conteúdos curriculares, estudos vinculados ao que chamamos atualmente de história da arquitetura:

São os monumentos antigos, que analisados e observados por um sábio professor, apresentarão todos os exemplos que se deve seguir na arquitetura. O estudante será obrigado a fazer um estudo aprofundado dos costumes e maneira dos antigos para poder devidamente apreciar com que perfeição eles unirão o belo ao útil. (BRASIL apud WANDERLEY, 2011)

Portanto, se no projeto de LeBreton a História da Arte pode ser encontrada nas “entrelinhas” que orientam a metodologia do ensino e a composição do acervo da instituição para tal finalidade, nos Estatutos de 1820 e no projeto de 1824 ela encontra-se ausente, sendo percebida apenas no contexto da História da Arquitetura.

Devemos ressaltar que a proposta elaborada pelos professores franceses em 1824 enfrentou a oposição do diretor Henrique José da Silva e não foi implementada. Quando a Academia começou a funcionar oficialmente em 1826, os estatutos de 1820 foram adotados até que se fosse elaborado um novo regimento. Tal fato ocorreu em 1831, quando foram aprovados novos estatutos em 30 de dezembro no contexto da Reforma Lino Coutinho.

Este estatuto aborda questões diversas, dentre as quais destacamos a necessidade de constituição de um acervo que contenha também trabalhos designativos da produção brasileira. Portanto, vemos aqui uma preocupação de construir uma História da Arte Brasileira. Arte esta que não deveria se desvincular dos modelos europeus, conforme constatamos a partir das especificações sobre os elementos que eram empregados como ferramentas didáticas. O artigo 6º do capítulo II esclarece que cabia à Congregação a

escolha dos modelos que seriam fornecidos para os alunos copiarem, mas que deveriam excetuar destas escolhas os modelos dos professores.

Podemos estabelecer a relação deste item com uma das recomendações de LeBreton fornecidas no projeto deste para a instituição. Ambos os documentos demonstram a preocupação com a escolha dos modelos a serem fornecidos para os alunos, bem como a necessidade destes modelos serem escolhidos pelo coletivo dos professores a partir de um consenso, visando garantir o prosseguimento das características estilísticas e estéticas ao qual a escola se vinculava. A utilização dos modelos na didática da instituição recebe nos Estatutos de 1831 um artigo específico no capítulo III:

Art. 16. A academia apresentará, para instrução e trabalho dos alunos e amadores, painéis, gessos de estatuas, bustos, e ornamentos antigos, modelos de desenho em todos os gêneros e modelo vivo; por fim livros próprios das belas artes, como sejam tratados de desenho, pintura, esculptura, architectura, historia antiga e moderna, e mythologia (grifo nosso) (BRASIL, 1831, p. 98)

Deve-se observar, a partir do trecho citado, que a instituição deveria possuir pinturas (painéis), moldagens em gesso diversas e modelos de desenhos dos mais diversos gêneros. Todos esses elementos já haviam sido citados antes no projeto elaborado por LeBreton. Contudo, havia um elemento novo no regimento de 1831 que é a menção aos livros não só associados às diferentes profissões, como também ao conhecimento que os artistas deveriam dominar sobre história e mitologia. A partir dos Estatutos de 1831, pode-se estabelecer conexão entre a menção aos livros como elementos de suporte didático do processo de ensino com uma informação específica sobre a qualificação dos candidatos a professor substituto, presente no 10º artigo do capítulo III, que regulamenta as informações constantes nos diplomas de final de curso:

No fim do 5º anno de cada curso de applicação a Congregação passará a cada um dos alumnos o seu competente diploma de haverem completado os seus estudos em tal ou tal ramo de applicação, especificando nelle não só os prêmios conseguidos, mas tambem o merecimento particular do individuo, para melhor a Congregação se dirigir quando, como candidato pretender o lugar de substituto habilitando-se para isso primeiro com o conhecimento de uma das duas línguas, franceza, ou italiana. (grifo nosso) (BRASIL, 1831, p. 97)

Deve-se salientar que a base do sistema acadêmico aqui implementado era europeia e que os dois principais modelos de academia de arte eram o francês e o italiano. É natural, portanto, que a biblioteca fosse constituída por publicações nestes dois idiomas e, assim, desejável que o professor substituto tivesse conhecimento de ao menos um destes dois idiomas.

Um último ponto a ser observado em relação a este estatuto é que ele não possui artigo específico para o ramo da arquitetura, não nos sendo possível verificar os conteúdos específicos desta formação. Desta forma, ao contrário do estatuto de 1820 e do projeto de

1824, não constatamos aqui a presença de conteúdos vinculados à História da Arquitetura. Em relação à História da Arte, mais uma vez não há qualquer menção a este tipo de disciplina ou a seus conteúdos em outras disciplinas da formação do artista. Entretanto, assim como no projeto de LeBreton, identificamos nos Estatutos de 1831 a presença difusa da História da Arte nas orientações sobre a constituição do acervo para dar suporte às atividades didáticas.

A primeira mudança neste cenário ocorre em 1848. Galvão (1954, p. 95) salienta que, em 14 de fevereiro, o então diretor da AIBA Félix Émile Taunay solicita ao governo o estabelecimento da cadeira de História da Arte, tendo como justificativa a melhor preparação dos futuros pensionistas. Outro documento que atesta a mudança de mentalidade em relação à necessidade de disciplina dedicada à História da Arte é o decreto N° 805 de 23 de setembro de 1854. Este autoriza a reforma dos estatutos da Academia das Bellas Artes, especificando no artigo 1º, parágrafo 2º a criação das aulas de “Desenho geométrico, Desenho de ornatos, Escultura de ornatos, Mathematicas applicadas e Historia das Bellas Artes” (grifo nosso) (BRASIL, 1854, p. 83-84).

Os novos estatutos foram aprovados pelo Decreto N° 1603 de 14 de maio de 1855, no contexto da reforma Pedreira. Este regimento apresenta como novidade a existência da seção de ciências acessórias, que reúne as cadeiras de Matemáticas Aplicadas, Anatomia e Fisiologia das Paixões e também da cadeira de História das Artes, Estética e Arqueologia. Os artigos 47 e 48 da seção XIII especificam o conteúdo da disciplina de Histórias das Artes, Estética e Arqueologia, bem como a condição de admissão na mesma:

Secção XIII.

Da Historia das Bellas Artes – Esthetica e Archeologia

Art. 47 Este curso além da exposição oral que deve fazer o Professor dos factos e das teorias que lhe são próprios constará também de demonstrações gráficas e plásticas já em pedra, já por via de modelos, de sorte que os alunos compreendam com a conveniente perfeição o objeto da Cadeira.

Art. 48 Nenhum alumno poderá ser admitido a este curso, sem que tenha três anos completos de estudos na Academia. (grifo nosso) (BRASIL, 1855)⁴

Do programa transcrito acima, depreende-se que, para cursar a referida disciplina, o aluno deveria estar no quarto ano de estudo na instituição. Já teria, portanto, formado um repertório visual através dos inúmeros exercícios de cópia executados em diferentes disciplinas, entrado em contato com diferentes estéticas e soluções formais. Podemos, também, associar a presença desta disciplina no quarto ano do processo de formação do artista com a informação fornecida por Alfredo Galvão sobre a justificativa para o

4 Há uma diferença entre a publicação consultada no Arquivo Histórico da Escola de Belas Artes e a publicação disponibilizada no site 19&20. Na publicação do site, os programas das aulas estão localizados no Título V – Do ensino e programma das aulas. A seção da disciplina “Da Historia das Bellas Artes – Esthetica e Archeologia” é a mesma. Entretanto, na publicação do site os artigos desta seção embora tenham o mesmo conteúdo, possuem numeração distinta a saber: Art. 45 e Art. 46.

pedido de criação da mesma, feito em 1848: o melhor preparo dos futuros pensionistas. A colocação da disciplina no quarto ano nos parece, desta forma, muito mais próxima de uma complementação do processo de formação do artista do que do embasamento deste processo. Embasamento este que, conforme os estatutos de 1855, se dava através do desenho e das matemáticas aplicadas, uma vez que o artigo 138 do capítulo VIII⁵ – Dos Alumnos e sua frequência, e da Policia Academica – prevê que “A Academia terá huma só classe de alunos que será a dos matriculados nos Cursos de Mathematicas applicadas e de Desenho geométrico, os quaes d’ahi prosseguirão para as outras aulas segundo o seu aproveitamento” (BRASIL, 1855).

Outro ponto a ser destacado no programa da disciplina de Histórias das Artes, Estética e Arqueologia é o fato desta contemplar não apenas a exposição teórica, mas também a transposição deste conteúdo para um repertório visual que demonstre a teoria abordada. Assim, as imagens visuais eram elemento essencial na didática do ensino das Histórias das Artes.

Retomando o processo de criação da cadeira de História das Artes, Estética e Arqueologia, deve-se ressaltar que a criação da cadeira não garantiu sua implementação efetiva, fato que ocorreu apenas em 1869, quando Pedro Américo de Figueiredo e Melo solicitou a transferência da cadeira de Desenho figurado para a referida disciplina (GALVÃO, 1954. p. 95). A minuta de ofício da Academia ao Ministro do império, datada de 12 de agosto de 1869, apresenta informações sobre o referido requerimento:

Sobre o requerimento do Dr. Pedro Americo de Figueiredo e Mello que pede tranferencia para a cadeira de Historia da Arte, Esthetica e Archeologia que ainda não foi provida, tenho a honra de informar que é útil e necessário o provimento da cadeira, e que o peticionário tem as habilitações precisas para ella.

Há mais de um quarto de século pedia a Academia a criação de uma cadeira de historia das Bellas Artes [...] porque sem estes conhecimentos fica muito incompleta a educação do artista; o premio de Roma tornou evidente a sua necessidade; [...] em 1854 foi ella creada pelo Decreto nº, 805 a 23 de setembro mas não foi provida até hoje por falta de pessoa competente habilitada nas matérias muito especiais que a constitue, porque não basta uma grande illustração do lente, é necessario, é mesmo indispensável; conforme adverte o art. ° 45 dos Estatutos que ele saiba desenhar afim de fazer demonstrações graphicas. (grifo nosso) (ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES, 1869)

O trecho transcrito nos indica, além da confirmação do assentimento da direção da Academia com o pedido efetuado por Pedro Américo, que esta instituição considera a disciplina importante para uma formação artística mais completa, assim como nos provê uma justificativa formal para o não preenchimento da cadeira desde sua criação em 1854: a ausência de professor qualificado a ministrar o conteúdo desta disciplina. O documento segue ressaltando as competências e qualificações de Pedro Américo para o

5 Artigo 136 na versão do documento disponibilizada no site 19&20.

cargo e finaliza enfatizando que há outros profissionais competentes para ocupar o cargo de desenho figurado, que vagaria com a transferência de Pedro Américo.

Este artista tomou posse na cadeira de História das Artes, Esthetica e Archeologia no dia 18 de fevereiro de 1870. Constatamos que, no dia 08 de março de 1870, as aulas ainda não tinham principiado. A informação encontra-se em minuta de ofício do diretor da AIBA para o Ministro do Império da referida data. O documento salienta que:

Tem de abrir-se proxivamente nesta Academia o curso do Dr. Pedro Americo de Figueiredo e Mello no qual se tractará de materias de summo interesse não só para aquelles, que se dedicão professionalmente ao exercicio das Artes, mas ainda para todas as pessoas que se occupão em cultivar o espirito; com efeito novas serão as intelligencias que se não deixem prender pelos attractivos da Historia da Arte e pela exposiçõ dos princípios da Esthetica, demonstrados na practica pelas obras primas dos grandes mestres. Muito convem, Exmo Sr. para o desenvolvimento das Artes em nosso Paiz que o gôsto dellas se derrame entre as pessõas ilustradas afim de que mesmo aquelas que lhes são extranhas possão animarse por nossos artistas e apreciar os seos trabalhos: parece-me que para nos encaminhar a conseguir este resultado seria um passo conveniente dado determinar-se que o curso do Dr. Americo tivesse logar nas primeiras horas da noite. (ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES, 1870)

Portanto, além de informar sobre a necessidade de abertura da disciplina e solicitar autorização para tal, o documento ressalta sua importância não só para a formação dos artistas da Academia, mas também para cultivar o gosto e o conhecimento das Artes dentre as pessoas ilustradas. Para alcançar tal finalidade, é sugerido que a aula ocorra no princípio da noite. A resposta do Ministério dos Negócios ocorre através de ofício da 3ª Seção, datado de 15 de março de 1870, autorizando o funcionamento da disciplina “nas primeiras horas da noite” (ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES, 1870), tendo as aulas desta cadeira iniciado ainda em março (GALVÃO, 1954. p. 95).

Pedro Américo ocupou a cadeira até 25 de junho de 1890, data de seu decreto de jubilação. Neste período, o artista teve vários pedidos de licença. Em alguns destes períodos, a disciplina deixou de ser ofertada. Em outros, foram nomeados professores substitutos para lecioná-las. Galvão (1954. p. 95) nos fornece uma síntese cronológica dos períodos de regência e licença de Pedro Américo, informando quais foram os professores substitutos e em que períodos eles desempenharam a função. São eles: Dr. Antônio José Barbosa de Oliveira, designado em setembro de 1873 e lecionou até 1875, não continuando por inexistir alunos matriculados para o ano de 1876. Dr. Teófilo das Neves Leão, nomeado em 24 de maio de 1879 e lecionou até o final de 1890.

Acerca do segundo localizamos documento contendo o programa da disciplina:

Programma da Aula de Esthetica, Archeologia e Historia das Bellas Artes

Noções de Prehistoria e de Archeologia

Resumo da historia das Bellas-Artes nos tempos antigos, mas destacadamente entre os Gregos e os Romanos.

Resumo da historia das Bellas-Artes na idade media.

Resumo da historia das Bellas-Artes nos tempos modernos.

Esthetica Applicada, analyse das obras primas d'arte nos tempos antigos, medievais e modernos.

Esthetica Geral

Ideia do Bello e do Sublime da Arte

Imitação

Systema Realista

Ideial

Arte Classica

Arte Romantica

Gesto e Genio

Architectura

Esculptura

Pintura

Dansa

Musica

Poesia

Rio 18 de Fev. de 1888. O Prof.º interno Theophilo da Neves Leão (ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES, 1888)

Através do programa, constata-se que o lente segue a divisão cronológica da História da Arte em três períodos: Antiguidade, Idade Média e Idade Moderna (que no século XIX compreende o estudo da arte produzida a partir do renascimento). Entretanto, inclui também outra forma de designação da produção artística, alinhada aos estilos através de chave Arte Clássica, Arte Romântica. Ademais, ela contempla a produção artística por tipologias Escultura, Pintura, etc. além de contemplar pontos do campo da estética como o belo, o sublime. Percebemos, portanto, uma atualização na concepção de História da Arte.

Se traçarmos a origem destes conceitos, devemos cruzar o oceano e chegarmos na Europa. Assim como o modelo de ensino acadêmico, também vinham daquele continente as teorias acerca da História da Arte. Chegavam no Brasil dispersas não só através de publicações, mas também por meio dos conceitos e vivências trazidos pelos artistas e intelectuais brasileiros que retornavam da Europa. Desta forma, ao longo do século XIX, diferentes teóricos europeus passaram a ser lidos no ambiente intelectual e artístico da corte. Em solo nacional, suas ideias eram propagadas por meio da metodologia do ensino acadêmico, das críticas de arte, dos artigos publicados em periódicos da época, etc. Após a criação da classe de História da Arte, Estética e Arqueologia, este conteúdo passa a ser ofertado também de forma concentrada aos alunos que se inscrevem na referida disciplina.

Até que no último quartel do século, a História da Arte passou a ser escrita e publicada em livros de intelectuais brasileiros, como por exemplo *Belas Artes estudos e apreciações* de Félix Ferreira, publicado em 1885 e *A Arte Brasileira* de Gonzaga-Duque, publicado em 1888.

No início deste capítulo, demonstramos que, no projeto apresentado por LeBreton, o conhecimento acerca da História da Arte estava implícito na pedagogia do ensino artístico cuja base era o desenho e a cópia. Encontrava-se, portanto, disperso na estrutura a partir da qual se organizava o ensino acadêmico. Este conhecimento foi condensado em forma de disciplina, no contexto da instituição acadêmica de artes brasileira, apenas na segunda metade do século XIX, ofertada no final do processo de formação do artista, como forma de tornar a habilitação do artista na Academia Imperial de Belas Artes mais completa.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES. **Minuta de ofício da Academia ao ministro do Império.** 12 ago. 1869. Arquivo Histórico da Escola de Belas Artes. Documentos Avulsos. Notação: 5807, Índice data: 2313, Fundo: Escola de Belas Artes. Disponível em: <http://docvirt.com/MuseuDJoaoVI/>. Acesso em 08 mar. 2020.

ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES. **Minutas de ofício da Academia sobre a posse de Pedro Américo de Figueiredo e Melo e do professor honorário Jules Le Chevreil.** 24 fev. 1870. Arquivo Histórico da Escola de Belas Artes. Documentos Avulsos. Notação: 4691, Índice data: 2357, Fundo: Escola de Belas Artes. Disponível em: <http://docvirt.com/MuseuDJoaoVI/>. Acesso em 08 mar. 2020.

ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES. **Programas da aula de História das belas artes, estética e arqueologia, do professor Teófilo das Neves Leão.** 18 fev. 1888. Arquivo Histórico da Escola de Belas Artes. Documentos Avulsos. Notação: 5347, Índice data: 4600, Fundo: Escola de Belas Artes. Disponível em: <http://docvirt.com/MuseuDJoaoVI/>. Acesso em 08 mar. 2020.

BARATA, Mário. Manuscrito inédito de LeBreton. **Revista do SPHAN**, Rio de Janeiro. n. 14, 1959, p. 292-293

BRASIL. **Decreto de 30 de dezembro de 1831** – dá estatutos á Academia das Bellas Artes. Fonte: Arquivo Histórico da Escola de Belas Artes, caixa M:03 P:3 C:227. Versão eletrônica disponível em: http://www.dezenovevinte.net/documentos/estatutos_1831.pdf. Acesso em 08 mar. 2020.

BRASIL. **Decreto Nº 805 de 23 de setembro de 1854** – Autorisa o Governo para reformar a Academia das Bellas Artes. Fonte: Arquivo Histórico da Escola de Belas Artes, caixa M:03 P:3 C:227.

BRASIL. **Decreto Nº 1603 de 14 de maio de 1855** – Da novos Estatutos a Academia das Bellas Artes. Fonte: Arquivo Histórico da Escola de Belas Artes, caixa M:03 P:3 C:226. Versão eletrônica disponível em: http://www.dezenovevinte.net/documentos/estatutos_1855.pdf. Acesso em 08 mar. 2020.

BRASIL. Projeto do Plano para a Imperial Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro. Documento disponível no Arquivo Nacional da cidade do Rio de Janeiro - Caixa 6283, maço 82, p. 257. (transcrição parcial) apud WANDERLEY, Monica Cauhi. História da Academia - diferentes nomes, propostas e decretos. **19&20**, Rio de Janeiro, v. VI, n. 2, abr./jun. 2011. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/academia_mcw.htm. Acesso em: 08 mar. 2020.

CIPINIUK, Alberto. Estatutos da Imperial Academia e Escola das Bellas Artes, 1820. **19&20** (site). Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/documentos/estatutos_1820.htm. Acesso em: 08 mar. 2020.

FERREIRA, Félix. **Belas Artes: estudos e apreciações**. Porto Alegre: Zouk, 2012

GALVÃO, Alfredo. **Subsídios para a História da Academia Imperial**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Belas Artes/UB, 1954.

DUQUE, Gonzaga. **A Arte brasileira**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

PEREIRA, Sônia Gomes. A Escola Real de Ciência, Artes e Ofícios e a Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro. *In*: IPANEMA, Rogéria Moreira. **D. João e a cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, 2008.

WANDERLEY, Monica Cauhi. História da Academia - diferentes nomes, propostas e decretos. **19&20**, Rio de Janeiro, v. VI, n. 2, abr./jun. 2011. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/academia_mcw.htm. Acesso em: 08 mar. 2020.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Academia Imperial de Belas Artes 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11

Análise acústica 12

Anos iniciais 214, 216, 219

Aprendizagem de docência 231, 238

Arte 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 23, 24, 29, 30, 31, 34, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 100, 101, 104, 121, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 143, 154, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 199, 207, 208, 210, 212, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 234, 243

Arte participativa 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 92

C

Calendário do som 70, 71, 77, 79, 80

Campos mórficos 81, 99

Contextos de aprendizagem da música 151

Criatividade 37, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 51, 86, 130, 132, 133, 165, 172, 182, 198, 211, 215

Cultura 27, 34, 61, 63, 66, 68, 69, 80, 86, 88, 89, 101, 113, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 128, 129, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 159, 161, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 182, 183, 190, 202, 204, 218, 225, 226, 229, 233, 237, 243

Cultura afro-brasileira 116, 118, 119, 120, 121, 129

Currículo 1, 118, 119, 120, 154, 155, 156, 178, 179, 180, 181, 183, 187, 188, 193, 219, 220

D

Design de moda 36, 37, 46, 47

Dimensões da musicalidade 207, 208, 210, 211, 212, 216, 217, 218

Diversidade cultural 116, 117, 118, 119, 126, 128, 221, 225, 229

E

Educação das relações étnico-raciais 139, 140, 143, 149

Educação musical 48, 49, 51, 52, 54, 55, 59, 60, 61, 66, 68, 69, 135, 136, 137, 139, 140, 142, 143, 149, 150, 151, 154, 155, 159, 160, 161, 162, 163, 179, 189, 190, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 203, 205, 206, 207, 208, 210, 212, 215, 216, 217, 218, 219, 222, 231, 232, 233, 235, 236, 237, 240, 241, 242

Ensino-aprendizagem 53, 82, 99, 130, 131, 135, 166, 176, 234, 236, 240

Ensino artístico 1, 2, 10, 151, 152, 155, 156, 157, 158, 162

Ensino coletivo de violino 197, 198
Ensino de artes visuais 165, 166, 176, 177
Ensino de música 68, 69, 152, 158, 160, 163, 181, 183, 189, 190, 192, 197, 198, 206, 208, 210, 219, 222, 224, 226, 229, 237
Ensino de regência 178, 179, 187
Ensino do desenho 2, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 113, 114
Ensino formal e não-formal 231
Ensino genérico da música 151
Ensino não formal 102, 110
Equilíbrio sonoro 12, 16, 17, 21
Escola 2, 3, 5, 6, 10, 11, 14, 21, 24, 25, 52, 54, 55, 82, 84, 85, 87, 88, 89, 92, 100, 110, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 131, 143, 147, 148, 154, 155, 157, 158, 159, 163, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 208, 210, 218, 219, 221, 222, 224, 225, 226, 228, 230, 232, 234, 236
Escola rural 197, 199, 200
Estágio 38, 53, 191, 231, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 242

F

Festival de música contemporânea brasileira 70, 80
Flauta transversal 12
Formação e atuação em educação musical 48
Formação musical 48, 49, 56, 157, 159, 182, 189, 199, 224
Frevo 70, 71, 72, 73, 75, 76, 79

G

Gestão por processo 36, 38, 39, 42, 45

H

Hélio Oiticica 29, 81, 82, 84, 85, 86, 89, 101
Hermeto Pascoal 70, 71, 72, 74, 79, 80
História africana 116
História da arte 1, 2, 3, 4, 6, 9, 10, 29, 85, 86, 165, 166, 167, 168

I

Identidade 42, 59, 60, 61, 65, 66, 68, 69, 95, 106, 112, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 193
Inclusão 29, 130, 144, 155, 190, 192, 196
Integração 37, 56, 57, 81, 85, 86, 92, 98, 105, 112, 130, 132, 153, 156, 159, 182, 190, 234,

Intergeracionalidade 59, 60, 61, 63, 67

L

Licenciatura em música 130, 131, 135, 178, 179, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 193, 198, 206, 231, 232, 233, 234, 235, 239

Lygia Clark 81, 82, 85, 94, 97, 98, 100, 101

M

Memórias afetivas 81, 92, 93, 94

Metodologia 4, 9, 24, 31, 37, 41, 43, 45, 47, 50, 82, 87, 100, 105, 130, 131, 135, 137, 138, 143, 179, 184, 185, 186, 191, 192, 193, 199, 201, 202, 231, 233, 240

Metodologias experimentais 23

Música 12, 13, 14, 15, 16, 20, 21, 35, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 59, 60, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 79, 80, 92, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 208, 210, 211, 212, 213, 215, 216, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242

Música mista 12, 14

Musicologia 70

N

Negros 30, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 124, 127, 128, 141

P

Paul Ricœur 70, 71

Pedagogia das encruzilhadas 23, 24, 26, 35

Prática docente 49, 102, 103, 105, 107

Prática pedagógica 29, 110, 116, 192, 227

Prática profissional 48, 55

Produção do conhecimento 36, 41, 42

Projeto de extensão universitária 48

Projeto social 189, 192, 195, 231, 233, 240

T

Terceira idade 63, 165, 166, 176, 177

Transtextualidade 70

V

Voluntariado 59, 60, 61, 62, 64, 65, 67

W

Walter Benjamin 23, 26, 29, 34, 35

ARTE E CULTURA:

Produção, Difusão e Reapropriação

2



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021

ARTE E CULTURA:

Produção, Difusão e Reapropriação

2



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Ano 2021